



COORDENAÇÃO ROSA NEVES SIMAS E CLARISSE CANHA | www.umaracores.org | geral@umaracores.org

Nota de Abertura

ROSA NEVES SIMAS



Frances Dabney e os Laços Açores-América

Durante a primeira metade de 2018, Ano Europeu do Património Cultural, olhamos para o papel da mulher em manifestações culturais coletivas dos Açores. Nesta segunda metade do ano, viramos a nossa atenção para figuras femininas individuais. Já falamos de mulheres na pintura, música, arte, e história, e vamos, neste mês e no próximo, focar a escrita.

Assim, recordamos agora Frances Dabney, descendente da quarta geração dos Dabney, a família americana que, ao longo do século XIX, teve um papel de destaque na diplomacia e nos negócios nos Açores. Frances nasceu no Faial, em 1856, e lá viveu até 1874, quando perdeu o pai e juntou-se às irmãs em Boston. Tinha 18 anos.

Mas as ilhas ficaram no seu coração. 30 anos depois, em 1903, reuniu os seus escritos e memórias sobre os Açores – a natureza e a cultura, as pessoas e as vivências – e publicou um livro com o título sugestivo de Saudades.

Personificando os laços que unem os Açores e os EUA, Frances Dabney recordou e recriou, de uma forma calorosa e muito humana, cenas variadas da vida nas ilhas. No capítulo “O Cerrado de Linho: Feteira” lemos:

“...as mulheres, de lenços garbados, inclinam-se de lado para lado, a escolher o linho de azul. Conversam enquanto trabalham, falando de quê? Da vida e da morte, da tristeza e da alegria, e do amor. Foi assim na passada primavera, e assim será quando o linho ficar azul de novo, na próxima primavera.”

Lembro que o outono, no ciclo anual, representa uma segunda primavera, de colheitas e plenitude, evocando a morte, e a vida. ♦

Uma vida sem violência Um direito das mulheres

Campanha junta duas dezenas de organizações em 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres e vincula duas datas simbólicas...

UMAR AÇORES
ENTIDADES PARCEIRAS

Rasga o Passado, assinala o 25 de Novembro Dia Internacional da Eliminação da Violência contra as Mulheres, em Rabo de Peixe, no Teatro Miramar, e conta com especial apoio do IDSSA /RAIM.

Com o monólogo a 4 vezes, realização de Solidaried'arte, dá-se também início à Campanha 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência Contra as Mulheres, no âmbito da qual, no mesmo dia 25 de novembro, desta feita em Ponta Delgada, pelas 19h,30 é a vez da Tuna com Elas se associar à Campanha.

Iniciativa de âmbito mundial, com o fim de promover o debate e denunciar as várias formas de violência contra as mulheres, decorre até 10 de dezembro, Dia



Internacional dos Direitos Humanos. Por cá são atividades de diferente tipo: teatro e música, workshops, tertulia, exposição, arte e outras ações de rua, e artigos na imprensa local. ♦

Facebook: Umar São Miguel
Junt@s no mundo e no país:
“Vamos ganhar a luta contra a violência”

notícias de qualquer país (parte I)

uma mulher foi esta segunda-feira morta à facada pelo marido em plena via pública.

Outra, de 52 anos, foi morta esta madrugada em setúbal pelo ciúme, segundo fonte policial.

J., de 48 anos, hoje foi morta a tiro num estabelecimento comercial, disseram à agência lusa mulher encontrada morta à facada na banheira, diz o correio da manhã.

outra ainda, morta pelo marido louco de amor louco de amor, que lhe esmagou o crânio e em seguida se suicidou, chamava-se judite fernandes, exatamente como eu.

outra, não esta, foi assassinada pelo namorado, depois de apresentar queixa na psp, mas uma foi pelo ex-marido que lhe esmagou o crânio entontecido pela paixão três dias depois dela apresentar queixa na mesma polícia. há aquela esfaqueada pelo marido enquanto dormia e também a de 76 anos, morta a tiro de caçadeira pelo amantíssimo esposo, em casa.

outra mulher pergunta depois de ser empurrada pelas escadas abaixo aos sessenta anos

ainda pergunta se não deve compreender que o marido bebe um bocado está desempregado e também há os filhos

gisberta, no fundo do poço, já não tem memória.

(continua)

JUDITE CANHA FERNANDES,
EM “A FÚRIA DA LOIÇA DA CHINA”, EDITORA URULAU, 2018

Novembro 2018

Janela sobre o passado...

Nos finais do século XIX o movimento feminista alastrou-se por toda a Europa, ainda que de forma desigual, como referimos no número anterior. Na Áustria, a década de 90 foi igualmente um período chave para a afirmação de organizações feministas, como a Associação Geral das Mulheres Austríacas. Procurando encontrar as raízes da “questão feminina”, este e outros organismos faziam campanha contra a dupla moral sexual. Por seu turno, no norte da Itália, a industrialização tornou-se um estímulo para o incremento do feminismo, surgindo associações nacionais e outras internacionais, com sede neste novo país, que pugnavam pelos direitos das mulheres trabalhadoras e pela secularização da educação feminina.

A articulação entre o feminismo e as correntes político-ideológicas tornou-se uma inevitabilidade. Diversas organizações de mulheres socialistas e de classe média uni-



SUSANA
SERPA SILVA

ram os direitos femininos aos princípios do socialismo. Na Alemanha, a vinculação de uma associação de mulheres ao Partido Social Democrata Alemão (SPD), em 1896, foi o meio encontrado para contrariar a proibição vigente que impedia as mulheres de integramos partidos políticos. Em 1908,

finda a interdição, milhares de alemãs filiaram-se no partido, chegando a perfazer quase 10% dos seus militantes. O êxito do modelo alemão influenciou outros movimentos socialistas do norte da Europa, como os da Finlândia e da Áustria, onde também apareceram organizações socialistas estritamente femininas. Juntamente com os direitos políticos e civis, as mulheres continuavam a lutar pelos seus direitos como mães, casadas ou solteiras, e pelo controlo do seu próprio corpo, incluindo questões como a contraceção. Contrariava-se, cada vez mais, os modelos e os papéis femi-



Madeleine Pelletier (1874-1939). Médica de pobres e psiquiatra, feminista, sufragista, escritora, anarquista, antimilitarista, foi uma mulher de vanguarda.

Fonte: <https://www.franceculture.fr/emissions/une-vie-une-oeuvre/madeleine-pelletier-1874-1939-une-femme-davant-garde>

ninos tradicionais. Em França, a médica socialista Madeleine Pelletier, assumiu posições radicais, convencida de que era necessária a independência económica e laboral da mulher, para lhe garantir o direito ao voto, à contraceção e ao aborto. Poucas eram as feministas tão radicais como Pelletier, mas nas vésperas do dealbar do século XX, o feminismo europeu era cada vez mais crítico, direto e fortemente contrário à moral convencional, em nome da liberdade e da igualdade entre géneros. Ideias novas como a da “maternidade voluntária” começaram a impor-se em países como a Suécia e a Noruega. ♦

susana.pf.silva@uac.pt